
**Relação entre fonte e jornalista: um estudo sobre ética no livro
*O jornalista e o assassino*¹**

Anaís Cordeiro de Medeiros²
Natan Peres da Silva Lima³
Luan Cesar de Oliveira⁴
Francielle Maria Modesto Mendes⁵

Resumo

Tendo como objeto de análise o livro *O jornalista e o assassino* escrito pela estadunidense Janet Malcolm, este trabalho científico pretende examinar a relação cotidiana entre jornalista e fonte. A obra discute a relação entre o jornalista Joe McGinnis e o médico Jeffrey McDonald, que foi acusado de matar sua própria família. Os dois fazem um acordo em que o jornalista deveria escrever um livro chamado *Fatal Vision* para dar voz ao acusado. A partir dessa narrativa, Malcolm discorre sobre as precauções éticas que o profissional da comunicação deve ter na relação com suas fontes. Para fundamentar a pesquisa, autores como Tófoli (2008), Bucci (2000), Christofolletti (2008) e Karam (1997) serão utilizados ao longo do estudo.

Palavras-chave: Jornalismo, Ética, Fonte, O jornalista e o assassino.

Escrito pela jornalista americana Janet Malcom, a obra não ficcional *O jornalista e o assassino* explora a relação entre Jeffrey MacDonald, um homem condenado por assassinar a esposa grávida e as suas duas filhas, e Joe McGinnis, o jornalista que escreve o livro *Fatal Vision* para relatar de forma mais profunda e detalhada o caso.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC), *campus* Rio Branco, e-mail: anaisk3@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC), *campus* Rio Branco, e-mail: natanperes93@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC), *campus* Rio Branco, e-mail: luan.csr.olv@gmail.com

⁵ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC), onde também atua como Professora do curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, e-mail: franciellemodesto@gmail.com

A relação ética entre a fonte e o profissional da comunicação é o ponto central da narrativa de Malcom, que foi publicada em 1989, na revista *The New Yorker*, e posteriormente, em formato de livro em 1990.

“Um crime choca os Estados Unidos e provoca uma reflexão sobre ética jornalística”, é assim que *O jornalista e o assassino* é apresentado aos leitores. O delito em questão ocorreu na década de 1970. Colette MacDonald, de 26 anos, e suas duas filhas, uma de 5 e outra de 2 anos, foram brutalmente assassinadas a pauladas e facadas. O marido de Collete e pai das crianças, o médico do Exército americano Jeffrey MacDonald, foi acusado pelo assassinato, mas absolvido pelo tribunal da instituição militar. Com a pressão do padrasto de Colette, as investigações do caso foram reabertas e MacDonald seria levado novamente a julgamento, mas pelo tribunal da Justiça estadunidense.

Com gastos adquiridos ao longo do processo judicial para garantir-lhe uma boa defesa, MacDolnald precisava de opções para conseguir mais dinheiro. O médico viu a possibilidade de ter a sua história contada em um livro, captar mais recursos com a futura venda dos exemplares e, ao mesmo tempo, ter a sua versão sobre a história relatada no escrito.

Após um jornalista recusar-se a fazer o trabalho, Joe McGinniss, jornalista que passava por uma fase profissionalmente e financeiramente difícil, com dívidas acumuladas, e que tinha ficado conhecido por escrever um livro sobre os bastidores da campanha que elegeu o presidente Nixon, aceita escrever a história de acordo com os desejos de McDonald. O lucro do livro seria dividido entre ele o acusado.

O jornalista é contratado para escrever o livro e começa então a ter acesso a informações privilegiadas que nenhum outro profissional da área conseguiria sem a permissão da defesa. MacDonald é considerado culpado e McGinniss começa a escrever o livro, mantendo o contato com Jeffrey através de cartas, mas sem mencionar nas correspondências suas verdadeiras intenções sobre o livro que estava escrevendo, publicado em 1983.

O livro de McGinnis retratava o médico como um psicopata narcisista incapaz de sentir compaixão, responsável pela morte da esposa e das filhas. Mesmo com seu personagem condenado pela Justiça americana, o jornalista deixa de relatar os fatos em sua obra e faz um julgamento moral e de valor sobre o médico. Percebe-se na atitude de McGinnis a afirmação que Tófoli (2008) faz quando diz que “a verdade no jornalismo é

relativa, condicionada, mitificada e útil aos interesses dos veículos e dos próprios profissionais.” (TÓFOLI, 2008, p. 38).

A publicação não agrada o condenado, que processa McGinnis alegando que o mesmo fingiu ser seu amigo para obter informações privilegiadas, denegrindo ainda mais sua imagem. A notícia do processo chamou a atenção da jornalista da revista *The New Yorker* Janet Malcom.

McGinnis possuía muitas dívidas acumuladas e já não mais obtinha sucesso com suas obras. O jornalista tinha dois livros consecutivos que não foram sucesso de vendas e críticas, por isso precisava contornar essa situação. Dessa forma, ele viu no caso de McDonald a possibilidade de se reerguer profissionalmente.

Conforme Karam (1997), o jornalista rompe com a ética quando se deixa levar pelo poder, fama e prestígio, deixando de lado a responsabilidade da profissão. E eram exatamente esses os objetivos de McGinnis:

Exigir que ajam com responsabilidade social e com consciência, que não abusem do poder de que estão investidos, que não se valham dele para destruir reputações e para deformar as instituições democráticas é exigir que o espírito que se encontra na origem do jornalismo não seja corrompido (BUCCI, 200, p. 11).

No contrato feito pelo advogado de McDonald, Bernard Segal, com a intenção de proteger o cliente de futuras complicações, uma cláusula foi adicionada ao acordo firmado ente o médico e jornalista. Essa foi justamente a brecha utilizada oito anos depois para a abertura de um processo movido por McDonald contra McGinnis. Segal adicionou ao documento o seguinte adendo: “contanto que a integridade essencial da minha biografia seja mantida”.

Oito anos depois, no processo de MacDonalld contra McGinnis, a contenção de MacDonalld foi que a “integridade essencial” da sua biografia não fora mantida no livro de McGinnis, e que este era culpado de uma espécie de assassinato da alma, pelo qual teria que prestar contas. (MALCOM, 2011, p. 27)

Ao negociar com o personagem central de seu livro questões como repartição de valores econômicos e outras vantagens, McGinnis comete um dos mais notórios e graves erros. Bucci (2000), referindo-se especificamente as empresas de comunicação e

jornalistas que atuam nelas, questiona a transformação da imprensa em “um negócio transnacional, oligopolizado” que “tráfica influência” para obter mais concessões e facilidades de financiamentos públicos. O autor questiona a ética desse tipo de jornalismo:

A ética jornalística não se resume apenas a uma normatização do comportamento de repórteres e editores; encarna valores que só fazem sentido se forem seguidos tanto por empregados da mídia como por empregadores – e se tiverem como seus vigilantes os cidadãos do público. A liberdade de imprensa é um princípio inegociável, ele existe para beneficiar a sociedade democrática em sua dimensão civil e pública, não como prerrogativa de negócios sem limites na área da mídia e das telecomunicações, em dimensões nacionais e transnacionais. (BUCCI, 2000, p. 12).

McGinniss tinha deixado de entrevistar McDonald sobre a sua vida e com o objetivo de fazê-lo foi visitá-lo na prisão. No entanto, gravadores e cadernos de anotações não eram permitidos na Instituição Federal Correcional de Terminal Island, para onde o condenado havia sido levado. Mesmo assim, infringindo as regras, nos dois anos que se seguiram, MacDonald gravava os depoimentos e enviava por meio da mãe para o jornalista.

Interesse Pessoal

Malcolm mostra que a ideia que culminou na produção e publicação de *Fatal Vision* partiu do interesse de MacDonald, que precisava de recursos para arcar com as despesas do julgamento e mostrar sua versão dos fatos. Já as pretensões de McGinniss eram as de emplacar novamente um *best-seller*, recuperar o *status* de bom escritor e sair de uma má situação financeira. Assim, o jornalista deixa de lado princípios éticos necessários para o bom exercício da profissão visando apenas benefícios próprios. Christofolletti (2008) afirma que o profissional jamais deve se distanciar do interesse público e não esquecer a função social do jornalismo.

Qualquer que seja o conceito que o jornalismo busca para si, nesse auto resgate ou reinvenção, não pode deixar de reforçar sua função social nem se desprender da responsabilidade social que lhe é própria, nem se esquecer da qualidade técnica, ser exercido sem ética ou distanciar-se do interesse público. Se descartar essas bases, perde as raízes que o sustentam. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 102).

Em um trecho de uma das várias cartas enviadas por Joe a Jeffrey, logo após sua condenação, McGinnis deixa transparecer que a preocupação que demonstra pelo assassino é unicamente em função do seu livro. Em determinado momento ele escreve: “Fico contente, também, por você não se ter matado, pois isso teria com certeza atrapalhado o livro. [...]”. (MALCOLM, 2011, p. 39)

Para Tófoli, “a ética deve estar em cada frame e em cada palavra sobre os quais se debruçam os contadores da história cotidiana da humanidade.” (TÓFOLI, 2008, p. 9). Sobre a ética e as atitudes que precisam ser tomadas cotidianamente pelos profissionais do jornalismo, a autora comenta:

O fato é que a ética encerra muito mais que normas, a ética pressupõe respeito aos valores mais intrínsecos ao ser humano. E o jornalismo só será verdadeiramente ético a partir do momento em que exercer sua prerrogativa de contribuir efetivamente para uma sociedade mais justa, transparente, humana, solidária, fraterna e livre. (TÓFOLI, 2008, p. 9).

Sobre as intenções de conquistar benefícios pessoais do profissional da comunicação, Bucci alerta que “o jornalista não age para obter resultados que não sejam o de bem informar o público; ele não tem autorização ética para perseguir outros fins que não este”. (BUCCI, 2000, p. 24).

O processo movido por MacDonald contra McGinniss mostra a reflexão que Christofolletti (2008) faz sobre as consequências materiais que as decisões tomadas na esfera ética podem trazer a vida do profissional e dos personagens envolvidos na narrativa construída a partir dos fatos reais.

“Um ato não se encerra nele mesmo. Tem consequências”. (CRHISTOFOLETTI, 2008, p. 18). A afirmação do autor mostra as implicações sofridas pelo jornalista a partir das decisões tomadas antes da publicação da obra. No caso envolvendo MacDonald e McGinniss, o jornalista foi processado por sua fonte e teve que pagar ao fim da ação judicial um valor superior a US\$ 300 mil.

Se tivesse seguido os princípios éticos que norteiam a profissão, McGinniss talvez não tivesse que arcar com consequências que lhe prejudicaram após oito anos da publicação de seu livro. Bucci (2000) lembra que a decisão de seguir ou não as normas

éticas é tomada na esfera pessoal de cada profissional e que, portanto, cada um deve assumir os riscos de suas ações:

Mais que um rol de normas práticas, a ética jornalística é um sistema com uma lógica própria. Não é um receituário; é antes de um modo de pensar que, aplicado ao jornalismo, dá forma aos impasses que requerem decisões individuais e sugere equações para resolvê-los. O que se deve ter em conta, de início, é que a prática do jornalismo não é auto-suficiente em sua dimensão ética, mas vai buscar em correntes filosóficas que trataram da ética em geral os parâmetros para enfrentar seus dilemas cotidianos. (BUCCI, 2000, p. 15).

Relação entre fonte e jornalista

Outra falha cometida por McGinniss e talvez a maior delas, foi se passar por amigo de MacDonald para obter informações privilegiadas. Através desta falsa relação, o jornalista teve acesso a detalhes da vida pessoal do assassino condenado e ainda sugeriu que este só conversasse com ele e com nenhum outro profissional da área, a respeito do caso, como expõe em uma carta enviada para o médico em 1979.

No documento, McGinniss fala da pretensão do também jornalista Bob Keeler de escrever um livro sobre o caso MacDonald, assim como ele, e orienta-o a não fornecer informações usando o argumento de que Keeler não iria retratá-lo da melhor forma, sugerindo que apenas ele podia fazê-lo.

Eu preferia que ele não escrevesse um livro; Delacorte estará anunciando o meu livro – e o aspecto de acesso exclusivo do nosso relacionamento – nesta semana, para tentar manter o terreno razoavelmente desimpedido. Francamente, não estou certo de qual é a atitude de Keeler para com você. Não estou insinuando que ele ache que você é culpado – eu simplesmente não sei, mas acho que, em muitos aspectos, seria melhor que você não fizesse nada para encorajar ou ajudar qualquer outra pessoa que possa estar pensando em escrever sobre isso. [...] (MALCOLM, 2011, p. 40)

Em trechos das diversas cartas que enviava para Jeffrey MacDonald, Joe McGinnis reforça inúmeras vezes que a relação entre ambos era de amizade, como na carta datada de 28 de setembro de 1979: “É tudo um inferno — passar um verão inteiro fazendo um novo amigo e depois esses sacanas chegam e o trancafiam.” (MALCOLM, 2011, p. 40). E também no trecho:

Diabo, Jeff, uma das piores coisas nisso tudo foi a maneira como, súbita e totalmente, todos os seus amigos — inclusive eu — fomos privados do prazer da sua companhia. Em que porra aquele pessoal estava pensando? Como foi que doze pessoas puderam não só concordar em acreditar em uma sugestão tão horrenda, como concordar, tendo a vida de um homem em jogo, que acreditavam nela além de qualquer dúvida razoável? Em seis horas e meia? [...] (MALCOLM, 2011, 40)

A atitude tomada por Joe McGinnis mostra como ele deixou de lado os princípios éticos fundamentais para o bom exercício da profissão em detrimento de vantagens pessoais que, em seu pensamento, poderia trazê-lo vantagens futuras e benefícios próprios. Sobre isto, que pode ser classificada como uma situação corriqueira no cotidiano dos profissionais da área da comunicação, Christofolletti alerta:

Nunca é demais lembrar: as relações com a fonte não são de amizade, mas sim relacionamentos profissionais, moldados por interesses dos dois lados. Jornalistas querem informações; fontes querem dar suas versões, vê-las em público. Jornalistas devem orientar seus esforços pelo interesse público, que muitas vezes colide com os desejos das fontes de informação, geralmente guiadas por interesses privados. Essa é portanto, uma relação tensa ou que pode vir a sê-la. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 43).

Janet Malcolm (2011) comenta que o entrevistado, Jeffrey MacDonald, imagina que ao fazer declarações para Joe McGinnis, ele o retratará da mesma forma como uma “mãe permissiva” retrataria o filho. Porém, o livro é escrito com o olhar mais crítico, como de um “pai severo, que percebe tudo e não perdoa nada”. (MALCOLM, 2011, p. 37-38). Ao tomar esta atitude, McGinnis não pensa sobre a responsabilidade social da profissão que exerce e o compromisso que tem com a sociedade, além de deixar de lado a correta explanação e relato dos fatos obtidos por ele.

Segundo Christofolletti (2008), o jornalismo é uma atividade social, que revela dados da realidade e interliga fatos desconexos para uma maior compreensão humana. É uma profissão que lida com pessoas, interesses, honras e reputações. Dissemina, portanto, afirmações e reforça preconceitos no cotidiano das pessoas. Por isso, a responsabilidade cresce no exercício dessa profissão, já que há muitas questões em jogo.

Um ponto de vista

McGinnis cometeu o que se pode considerar uma das mais graves falhas de *Fatal Vision* e dos princípios que norteiam a prática do jornalismo. Mesmo passando bastante tempo conversando com MacDonald e colhendo diversos depoimentos dele, que mostravam sua versão sobre o crime pelo qual era acusado, o jornalista excluiu totalmente os relatos do personagem principal da obra sobre o fato e “deslocou-se para a história retoricamente superior da promotoria” (MALCOLM, 2011, p. 26).

McGinniss exclui a versão de MacDonald por considerá-la falsa. E com base nas informações coletadas a partir de documentos e depoimentos da promotoria, cria a sua própria história. Tófoli (2008) destaca que existe a possibilidade de as fontes dos jornalistas repassarem informações inverídicas, prestando assim “um relato que não é necessariamente o fato em si” (TÓFOLI, 2008, p.37).

Tófoli (2008) acrescenta que o jornalista deve observar a credibilidade da fonte. No caso de *Fatal Vision*, McGinniss não confiou na veracidade dos fatos contados por MacDonald, pois sabia que o acusado tentava persuadi-lo a escrever uma história que o beneficiasse e não o mostrasse como assassino.

Ao excluir a versão do médico, a atitude do profissional vai de encontro com a recomendação de que “a imprensa deve informar a todos sem privilegiar os mais abastados, e também dar voz às diversas correntes de opinião.” (BUCCI, 2000, p. 12). Joe McGinnis revela isso quando escreve a Janet Malcom:

MacDonald estava claramente tentando manipular-me, e soube disso desde o início. Mas será que eu tinha a obrigação de dizer, ‘Espere um pouco. Acho que você está me manipulando, e devo chamar a sua atenção para o fato de que eu sei disso, para que você entenda que não está tendo êxito’? Será que uma campanha deve disparar a uma certa altura? Nunca foi assim antes. Isso poderia inibir qualquer reportagem que não seja a mais superficial. Poderíamos ficar todos reduzidos a ficar parados na rua, entrevistando sobreviventes de incêndios. (MALCOLM, 2011, p.24).

Ao fazer um julgamento moral sobre a conduta de MacDonald e assim arbitrariamente “engavetar” a versão do personagem sobre o crime em *Fatal Vision*, McGinniss descumpre com o que Crhistofoletti (2008) ressalta como um dos itens essenciais no processo de produção jornalística por parte do profissional: “O fato é que

não se faz jornalismo sem fontes de informação, assim como não se tem notícias sem apuração, checagem de dados e confirmação de versões”. (CRHISTOFOLETTI, 2008, p. 41).

Considerações Finais

Por meio da elaboração desse artigo, pode-se concluir que o processo jornalístico utilizado por McGinniss deu-se de forma errônea, tanto na relação com a fonte, no direcionamento dado em seu livro, quanto na omissão da versão dada por MacDonald sobre o crime relatado em *Fatal Vision*.

O autor da obra utilizou-se de um fato de interesse público, que chocou a sociedade estadunidense, porém não teve como objetivo principal informar, mas sim ganhar dinheiro, prestígio e fama por meio do escrito. Esse comportamento é apontado pelos autores estudados como um erro ético do jornalismo.

Outra falha bastante pertinente cometida pelo personagem principal de Malcolm está na relação que o mesmo estabelece com a fonte. A relação de amizade nunca existiu verdadeiramente por parte de McGinnis, mas o jornalista a simulou. É deste argumento que MacDonald utilizou-se para mover uma ação judicial contra o autor de *Fatal Vision*.

Outro ponto importante diz respeito a não apresentação das duas versões do crime – a do acusado e a da promotoria. McGinniss estava mais preocupado em sair da má situação financeira que vivia e o desejo de emplacar novamente um *best-seller* e conquistar novamente o prestígio do público e da crítica.

Fazer com que o médico condenado gravasse seus depoimentos utilizando equipamentos eletrônicos dentro da prisão, prática proibida pela Justiça dos Estados Unidos, também foi um grave erro ético cometido por McGinnis. Levando em consideração as regras e leis determinadas no sistema, pode-se afirmar que o jornalista cometeu um ato infracionário.

Assim, as erradas decisões tomadas no campo ético trouxeram consequências materiais e psicológicas tanto ao jornalista quanto o personagem de seu livro. Tal situação justifica o pensamento de Bucci: “o jornalismo é conflito, e quando não há

conflito no jornalismo, um alarme deve soar. Aliás, a ética só existe porque a comunicação social é lugar de conflito”. (BUCCI, 2000, p.11).

Referências Bibliográficas

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética na Comunicação**. São Paulo: Contexto, 2008.

KARAM, F. J. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus editorial, 1997.

MALCOLM, Janet. **O Jornalista e o assassino: um crime choca os Estados Unidos e provoca uma reflexão sobre a ética jornalística**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TÓFOLI, Luciene. **Ética no Jornalismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.